

# **Pluralidade cultural e religiosa no Brasil: um olhar pentecostal**

## **Cultural and religious plurality in Brazil: a Pentecostal overview**

*Adriano Sousa Lima<sup>1</sup>*

### **RESUMO**

O presente artigo vai refletir sobre o pluralismo cultural e religioso no Brasil, desde uma perspectiva pentecostal. O olhar pentecostal para a pluralidade cultural e religiosa nesse texto é positivo e não negativo; é propositivo e dialógico e não apologético. A partir de referencial teórico predominantemente brasileiro, tal como Faustino Teixeira, Antônio Flávio Perucci e Gilberto Freyre, o autor destaca o crescimento das diversas tradições religiosas no país, como um aspecto que legitima inclusive a democracia brasileira. Como fica claro no texto, o objetivo é demonstrar que os pentecostais estão mudando (ainda que lentamente) a maneira de olhar para a diversidade cultural e religiosa no Brasil. O autor assume a referência bibliográfica como metodologia nessa pesquisa. Essa mudança implica em aprofundamento (e não esvaziamento) da identidade pentecostal. O autor conclui que a pluralidade cultural e religiosa no Brasil é um fato concreto estabelecido, que exige diálogo e discernimento e não rejeição e condenação.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Pentecostalismo. Pluralismo. Diálogo.

---

<sup>1</sup> Graduado em Teologia pela FAECAD (Faculdade Evangélica das Assembleias de Deus), mestre em Teologia pela PUC do Rio Grande do Sul e doutor em Teologia pela PUC do Paraná. Atualmente é professor no Mestrado profissional e na Graduação da FABAPAR – Faculdade Batista do Paraná, na UNINTER e na Faculdade Cristã de Curitiba.

**ABSTRACT**

This article addresses the cultural and religious pluralism in Brazil from a Pentecostal perspective. The Pentecostal overview to these pluralities is positive in the present text; so that it is dialogical and propositional, not apologetical. Based on a predominantly Brazilian researchers, such as Faustino Teixeira, Flávio Pierucci and Gilberto Freyre, the author highlights the growth of various religion traditions in Brazil as an aspect that legitimates Brazilian democracy. The text demonstrates that the Pentecostal believers are changing (slowly though) the way to look to the cultural and religious diversity in Brazil. The author assumes the bibliographical reference as methodology in this research. This change represents a Pentecostal identity deepening (not emptying). The author concludes that the named pluralities are established facts that require dialogue and discernment over rejection and condemnation.

**KEYWORDS**

Pentecostalism. Pluralism. Dialogue.

**Introdução**

A conhecida canção popular brasileira descreve o Brasil como “um país tropical, abençoado por Deus e bonito por natureza”. A essa forma exótica de representar o país poderia se acrescentar que o Brasil é um país plural. A cultura brasileira não é homogênea, unitária, coesa ou cabalmente definida por essa ou aquela qualidade mestra, mas possui uma identidade nacional aberta, relacional e multifacetada<sup>2</sup>. As muitas faces do Brasil demonstram que está estabelecido há muito tempo o pluralismo cultural nesse país. Nesse contexto, as religiões brasileiras precisam aprender a conviver com a pluralidade cultural e religiosa. O presente texto trata dessa necessidade sobretudo, no que se refere à tradição pentecostal.

O pentecostalismo chegou ao país no início do século XX. Naquela época, as religiões de matriz africana eram caso de polícia e a igreja

---

<sup>2</sup> BOSI, Alfredo. *Cultura Brasileira*. São Paulo: Editora Ática, 1992, p. 7.

católica vivia em permanentes conflitos com outras tradições cristãs. A palavra ecumenismo, como busca da unidade entre cristãos era pouco conhecida no mundo, e no Brasil ainda não havia sinais concretos. A América Latina era conhecida como um continente evangelizado e cristianizado, sendo essa a razão de os organizadores da Conferência de Edimburgo (1910) não ter convidado igrejas e representantes da América Latina. Contudo, a realidade do continente Latino-Americano foi mudando aos poucos e, especialmente, o Brasil, passou por profundas transformações com a chegada do pentecostalismo. Esse seguimento alcançou crescimento vertiginoso em tempo recorde. Outras religiões, inclusive as de matriz africana, foram se consolidando aos poucos. Após o primeiro centenário do pentecostalismo no Brasil, o pluralismo religioso e cultural é um dado concreto que desafia os pentecostais.

O texto tem como hipótese fundamental a tese de que os pentecostais começam a olhar de forma positiva e dialógica para o pluralismo cultural e religioso no Brasil. No primeiro momento, o autor apresenta a pluralidade cultural no Brasil. Posteriormente, a pluralidade religiosa será objeto de reflexão. Nesse momento da pesquisa, o autor analisa o crescimento de algumas tradições religiosas no Brasil, a partir do Censo de 2010 e dialoga com autores brasileiros, a partir de uma perspectiva positiva e propositiva. No terceiro e último momento, o autor pergunta: Qual o caminho para o brasileiro encontrar Deus? Para saber a resposta à essa pergunta, o leitor precisará “tirar as sandálias dos pés” e começar a caminhada pelo texto.

### **Pluralidade cultural no Brasil**

O intelectual brasileiro Gilberto Freyre começa a sua obra *Brasil, Brasil Brasília* com as seguintes palavras:

Houve um tempo em que na imprensa inglesa o Brasil apareceu mais como o “os Brasis” do que como “o Brasil”. Reconhecia-se assim um pluralismo que de fato era característico da situação brasileira sem que, entretanto, deixasse de haver entre nós uma unidade nacional que contrastava com a fragmentação da América Espanhola em várias e turbulentas repúblicas, inimigas de morte umas das outras.

Os chamados “Brasis” formavam politicamente um império; e social e culturalmente um sistema de convivência em que a unidade e a diversidade se completavam. Tinha esse sistema a língua portuguesa por principal expressão de sua unidade e os contrastes regionais de predominância étnicas – o ameríndio na Amazônia, o branco no Sul, o negro na Bahia – eram as afirmações mais ostensivas de sua diversidade ou pluralidade étnica. Étnica e cultural<sup>3</sup>.

Para Freyre, no Brasil está presente a dialética da unidade na pluralidade. Somente assim é possível entender a cultura brasileira. O autor enfatiza que essa combinação “trata-se de uma das combinações sociologicamente mais expressivas, de unidade na pluralidade, que o mundo moderno conhece”<sup>4</sup>. O Brasil é ao mesmo tempo conhecido pela diversidade dos seus traços culturais e por algumas características singulares. Na mesma obra Freyre afirmara que

No Brasil, havendo uma mística de abrasileiramento, sob a forma de um também quase irresistível luso-abrasileiramento (que entre nós parece vir significando principalmente a adoção, por adventícios de outras procedências, além de portuguesa, de métodos ou de técnicas de adaptação do europeu ao trópico americano, já desenvolvidas com êxito pelo luso brasileiro), há, por outro lado, uma tradição atuante no sentido de se conservarem, ou de se desenvolverem, dentro da mística de abrasileiramento, variações regionais de culturas associadas a predominâncias étnicas regionalmente diversas: a do ameríndio, na Amazônia; a do italiano, em São Paulo e no Rio Grande do Sul; a do alemão, em Santa Catarina; a do polonês, no Paraná, a do africano, na Bahia. Através dessas predominâncias, regionalmente diversas, de étnica e cultura – ou da tradição delas – vários Brasis se fazem sentir dentro de um só Brasil, já bastante seguro de sua singularidade como sistema nacional de convivência, para temer semelhantes variações. Ao contrário: elas – e mais a japonesa, a síria, a libanesa, a húngara – são hoje antes estimadas que lamentadas pelo brasileiro: pelo brasileiro médio e não apenas pelo superior em inteligência política ou em saber sociológico. A estrangeiros ilustres que ultimamente tem visitado o Brasil não vem escapando o fato de ser o nosso país uma

<sup>3</sup> FREYRE, Gilberto. *Brasil, Brasis, Brasília*. Rio de Janeiro: Record Editora, 1968, p. 35.

<sup>4</sup> FREYRE, 1968, p. 35.

nação ao mesmo tempo uma e plural. Um Brasil, e ao mesmo tempo, vários Brasis. E em semelhante combinação parece-lhes haver antes vantagem que desvantagem para o desenvolvimento, entre nós, de uma cultura pluriregional. Uma cultura de que Brasília seja a cúpula, reunindo em seu modo novo, mas não – livre-nos Deus – incharacteristicamente internacional, de ser a cidade, a expressão do que há na sociedade e na cultura brasileira, de étnica e regionalmente diverso, vários, plural<sup>5</sup>.

Para o então professor de Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo, Alfredo Bosi, a cultura brasileira não possui uma única matriz que rege comportamentos e discursos. Dessa forma, a admissão de seu caráter plural é um passo decisivo para compreendê-la como efeito de sentido que resulta de um processo de múltiplas interações e oposições no tempo e no espaço. O convívio entre diferentes culturas no Brasil é muito perceptível, desde as velhas culturas ibéricas, indígenas e africanas até as mais recentes, como italiana, alemã, judaica, japonesa, entre outras<sup>6</sup>.

A pluralidade cultural brasileira, vivenciada na arte, linguagem, nos estilos e valores, é dinâmica, viva e está em fluxo. Por isso, a diversidade de expressões religiosas e artísticas da sua população se estabelece como fator fundamental e indispensável para a afirmação de um país inteligível e reconhecido. Para Aldo Vannucchi, logo no início foram se desenhando dois planos culturais no Brasil. O primeiro era o erudito, marcado pela europeidade e pela branquidade, alienado e alienante; o segundo grupo é o vulgar das camadas subalternas, mais abertos à convivência humana e mais sensíveis às necessidades do semelhante<sup>7</sup>. Esse segundo grupo, com elementos plurais na sua raiz, edificou a cultura nacional recheada de princípios significativos para toda a população.

Conforme já foi apontado no texto, não se pode falar da cultura brasileira senão numa perspectiva da fluidez e da complexidade. É importante destacar os modos como a cultura é buscada e constituída no Brasil de muitos povos. Como acertadamente apontou Morin, cultura e sociedade estão em ordem geradora mútua; nessa relação, não é possível

<sup>5</sup> FREYRE, 1968, p. 36-37.

<sup>6</sup> BOSI, 1991, p. 7.

<sup>7</sup> VANNUCCHI, Aldo. *Cultura Brasileira*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 13.

esquecer as interações entre indivíduos, eles próprios portadores e transmissores de cultura. Na medida em que um povo reconhece o outro na sua particularidade e o respeita bem como no momento em que existem compreensão e apreciação das diferentes práticas e vivências, ocorre o fortalecimento da identidade e a criatividade cultural<sup>8</sup>. Tal fortalecimento identitário acontece exatamente porque provém de elementos plurais e se traduz em significativas contribuições para todos e todas presentes na sociedade brasileira.

### Pluralismo religioso no Brasil

Para falar da pluralidade brasileira de forma abrangente é preciso mencionar as questões religiosas, já que o país nasceu com “a bênção de Deus”, especificamente, no dia 21 de abril de 1500, quando Frei Henrique de Coimbra celebrou a “primeira missa” na cidade de Porto Seguro. O brasileiro é de fato religioso e isso reflete em sua vida cotidiana, na capacidade de expressão de múltiplas formas de fé religiosa, de modo que suas condutas e crenças religiosas constituem parte fundamental do ethos da cultura brasileira. Assim, os acontecimentos históricos sempre estiveram em correlação indissociável com as questões religiosas. Em seu clássico *Casa-grande & Senzala*, Gilberto Freyre afirma que o “Brasil formou-se, despreocupado com os seus colonizadores da unidade ou pureza de raça”. Segundo o autor, diferentemente dos anglo-saxões, que consideravam o indivíduo de sua raça o que possuía a mesma compleição física, o português considerava como seu igual aquele que professava a religião católica. O mesmo autor conclui que justamente por isso é “tão difícil, na verdade, separar o brasileiro do católico”, pois “o catolicismo foi realmente o cimento da nossa unidade”<sup>9</sup>. A grande questão é que essa “unidade” foi construída com o assalto da cultura autóctone indígena e com a “desafricanização” dos negros que, mesmo sendo “abrasileirados”

<sup>8</sup> MORIN, Edgar. *O Método*. A humanidade da humanidade – a identidade humana. V.5. (Trad. Juremir Machado) Porto Alegre: Sulina, 2005, p. 15.

<sup>9</sup> FREIRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala*. Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 51ª Ed. São Paulo: Global, 2006.

nas opressoras senzalas, valeram-se dos mesmos espaços como ilhas de preservação cultural para a prática religiosa africana.

Se, por um lado, os fenômenos religiosos influenciaram os acontecimentos históricos nesse país, por outro lado, esses mesmos fenômenos foram transformando-se de forma dinâmica pela realidade plural desenhada e vivenciada na terra de Santa Cruz, de tal modo que hoje é consenso que Deus não é brasileiro nem católico. Para fins de confirmação de mudança radical de paradigma, sobre a segunda afirmação, até o Papa Francisco, em entrevista ao fundador do jornal *La Repubblica*, Eugenio Scalfari, no dia 01/10/2013, afirmou: “E io credo in Dio. Non in un Dio cattolico, non esiste um Dio cattolico, esiste Dio” (Eu creio em Deus. Não em um Deus católico, não existe um Deus católico, existe Deus)<sup>10</sup>. A resposta do Papa Francisco pode ser estendida também para o Brasil e para os brasileiros. Embora o Censo de 2010 ainda registre a religião católica como majoritária em terras brasileiras, os estudiosos estão cada vez mais convencidos de que a Terra de Santa Cruz não é mais majoritariamente católica. O Brasil vem vivenciando nas últimas décadas um pluralismo religioso (ainda que tímido).

A última frase do parágrafo anterior exige um pouco mais de reflexão. Foi o reconhecido sociólogo brasileiro Antônio Flávio Pierucci que, enquanto os intelectuais celebravam a diversidade religiosa após o IBGE divulgar os dados sobre a situação religiosa do Brasil no ano 2000, colocou a pergunta: “cadê nossa diversidade religiosa”? O então professor de Sociologia da Universidade de São Paulo insiste: “cadê nossa badalada diversidade religiosa?” Ele mesmo responde: “o gato comeu”. Pierucci sugere ainda: “basta o brasileiro parar um pouco e olhar a sua volta para quase só ver...cristãos”. Diante dessa constatação, o autor sustenta que “outrora quase só se viam católicos, mas hoje se veem também por toda parte, os evangélicos”. Ele não desiste e continua perguntando: “cadê os outros? Cadê a alteridade cultural em matéria de religião?” Sobre os dados do Censo de 2000, o autor apresenta o que para ele significa a diversidade religiosa brasileira:

---

<sup>10</sup> Disponível em: <[http://www.repubblica.it/cultura/2013/10/01/news/papa\\_francesco\\_a\\_scalfari\\_cos\\_cambier\\_la\\_chiesa-67630792/?ref=HREA-1](http://www.repubblica.it/cultura/2013/10/01/news/papa_francesco_a_scalfari_cos_cambier_la_chiesa-67630792/?ref=HREA-1)> Acesso em: 04 out. 2018.

Na tabulação avançada do Censo Demográfico 2000, divulgada em maio de 2002, nosso pluralismo religioso aparece bem desmilinguido: quase binário. Três décadas atrás, os três maiores grupos religiosos eram católicos, os protestantes e os espíritas. Hoje, os três maiores contingentes a figurar nas tabelas de religião do Censo são os católicos, os evangélicos e os sem religião. Se você retira os sem religião desse pódio, sobram somente aqueles que se declaram ou católicos ou protestantes – ou seja, os cristãos em sentido estrito. É com grandes números para os cristãos e reduzidas contas de somar para os outros – quando não de subtrair – que o Censo vem mostrar que a diversidade religiosa brasileira, hoje, é quase nada. Apesar de cantada em verso e prosa na imaginária exuberância (neo) amazônica de suas espécies e subespécies religiosas (formação nativas ou transplantadas, tão antigas essas quanto as caravelas e os piratas, ou tão recentes quanto a *web*, recém-chegadas de longe, de perto, de dentro, por dentro, recém-fundadas e repropostas outras, revisitadas, repaginadas que sejam, sincréticas muitas vezes, mas não todas, antropofagicamente híbridas ou não, neolocais, substitutas, devolutas, vigorosas ou declinantes), a variedade de religiões neste Brasil, no fundo no fundo, é muito rala, apertada, bem mais rarefeita e bem menos resistente aos grandes empreendimentos religiosos pós-estatais do que a gente normalmente imagina ou acha que consegue enxergar<sup>11</sup>.

A constatação de Pierucci de que o pluralismo religioso no Brasil é tímido foi assumida a partir dos dados do IBGE do ano 2000. Naquela ocasião 73,8% dos brasileiros eram católicos, 15,4% eram evangélicos e 7,3% declararam ser sem religião. Diante de tais números, o sociólogo voltou a questionar: “onde diabos foi parar aquela fabulosa diversidade religiosa de nossa religiosíssima população?”. Naquela época, todas as outras religiões que não eram católicas e nem evangélicas estavam dentro de uma faixa de 3,5%. É uma faixa estreita. Nas palavras de Pierucci, “estreitíssima”<sup>12</sup>. Esse é um dado que explica certo pessimismo quanto ao pluralismo religioso. No entanto, é interessante registrar que, apesar

<sup>11</sup> PIERUCCI, Antônio Flávio. Cadê a nossa diversidade religiosa? (in) TEIXEIRA, Faustino, MENEZES, Renata. *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas* Petrópolis: Vozes, 2011, p. 49-50.

<sup>12</sup> PIERUCCI, 2011, p. 50.



de todas as observações, nem mesmo Pierucci nega o fato de que o Brasil é um país plural. Nas suas palavras,

Se formos ler a lista de religiões que aparecem no anexo 1 do Censo 2000, ficaremos com a certeza de sermos um país não só plural, mas muito sortido em matéria de religião. Só que essa variedade que consta da lista se acha toda distribuída entre menos de 6 milhões de brasileiros, exígua parcela de uma população total de 170 milhões. E se após conferir suas míseras somas tornarmos a observar os três grandes grupos no pódio, por efeito de contraste a ficha vai cair e nos daremos conta de que, dois pontos: os católicos ainda são mais de 124 milhões e os evangélicos, mais de 26 milhões. Ou seja: as duas grandes religiões representadas no pódio englobam mais de 150 milhões! Dá para comparar com os...outros? vivemos na verdade num país noventa por cento cristão (89,2%). Isso quer dizer que do alto de seus oligopólios e prerrogativas o espectro do monoteísmo ainda ronda nossos confusos destinos pesadamente. Eu bem que gostaria de dar a todos a boa notícia sociológica de que no Brasil atual as pessoas de fato têm muito mais chances do que nunca de aderir às mais diferentes concepções do divino. Oxalá fosse mesmo verdade que no cotidiano das famílias, ao redor do mesmo almoço dominical, já fosse menos insustentável a leveza do conviver pós-tradicional de mãe católica reconvertida pela Renovação Carismática e filha jovem convertida ao budismo ou à União do Vegetal – encontros culturais que fossem, sem medo, confrontos culturais, fatos novos, e densos que desdobrassem no mundo da vida de muitos mais aquilo que a sociologia contemporânea, pelo avesso, tem chamado de “destradicionnalização”. Mas não, nossa diversidade religiosa ainda é balbuciante. Oxalá pudéssemos ouvi-la, em seus primeiros, pianíssimos acordes, dizer aos nossos corações que, calma, estamos apenas no começo de um longo processo de desfiliação geral que um dia há de dar, se aos deuses em luta isso aprouver, numa grande, maravilhosa dispersão<sup>13</sup>.

A questão do pluralismo como valor será retomada posteriormente, contudo, importa neste momento descrever a perspectiva dos sociólogos da religião sobre a situação. É perceptível nas palavras de Pierucci o seu pessimismo quanto ao pluralismo religioso no Brasil, embora ele faça

---

<sup>13</sup> PIERUCCI, 2011, p. 50-51.

menção à mesa dominical<sup>14</sup>. Por um lado, é até compreensível. A religião cristã é majoritária no país. Foi o que o Censo de 2000 registrou e o Censo de 2010 confirmou. E essa tendência ainda permanecerá um bom tempo. No entanto, por outro lado, há de se concordar com o mesmo Pierucci que o Brasil “não é apenas um país plural, mas sortido em matéria de religião”. E aqui reside uma questão fundamental. As diferentes religiões em terras brasileiras não são mais consideradas “seitas” a serem eliminadas. São reconhecidas com o seu direito de culto garantido pela Constituição Federal. Isso se dá pelo reconhecimento do pluralismo religioso. Não somos mais dominados por uma única matriz religiosa. O brasileiro pode até nascer católico, mas ele tem total liberdade para trilhar por outros caminhos, a fim de encontrar o divino. Com razão apontou Pierucci: “nunca houve tanta liberdade religiosa no Brasil como agora”<sup>15</sup>.

O pluralismo religioso no Brasil, na concepção de Pierucci, é raso, sobretudo, pela quantidade de católicos. Como ele mesmo expressou, “é católico que não acaba mais”. Mas ele não nega o fato que “do ponto de vista da composição religiosa da população de nosso país, tudo leva a crer que vivemos tempos decisivos de inflexão cultural”. Pierucci aponta com razão que “o início do século XXI vem bater como um momento de despedida. Hora do adeus”. Nesse momento, continua o autor, “nos afastamos um pouco mais, agora mais aceleradamente e muito mais inapelavelmente, de um certo Brasil tradicional, vale dizer, do que ainda resta no Brasil tradicional no campo das religiões em nosso território”. Nesse campo, “não faz muito tanto tempo costumávamos supor que era em grande medida tributário dos comportamentos tradicionais... Mas isso está acabando”<sup>16</sup>.

Dessa forma, é fato que o pluralismo religioso no Brasil é ainda muito tímido. Mas, com base nos dados, não existe possibilidade de negá-lo.

<sup>14</sup> É importante observar que a mesa é dominical por causa da tradição cristã. Trata-se de um espaço religioso formal em que cabem outras formas de encontro inter-religioso à mesa. Existe um fundo cristão no “almoço dominical”. E isso é decisivamente positivo no suporte e na hospitalidade da diversidade “à mesa” por parte da tradição cristã.

<sup>15</sup> PIERUCCI, Antônio Flávio. O crescimento da liberdade religiosa e o declínio da religião tradicional: a propósito do Censo de 2010. In: TEIXEIRA, Faustino, MENEZES, Faustino. *Religiões em Movimento*. O censo de 2010. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 49.

<sup>16</sup> PIERUCCI, 2013, p. 58.

O pluralismo religioso é um fato estabelecido no país, do qual não é possível escapar. Por essa razão, esse o pentecostalismo brasileiro deve assumir a realidade desse pluralismo religioso em terras brasileiras, que, de uma forma ou de outra, exige que as religiões tradicionais de modo geral, e cada religião de forma específica, tenham novas atitudes e busquem uma melhor convivência entre si. Essa convivência deverá ter como marca principal o respeito mútuo e o reconhecimento de uma religião com a outra.

O professor de Antropologia da Universidade Federal de Minas Gerais, Pierre Sanchis, foi pontual ao afirmar que “quando se olha para o campo religioso brasileiro contemporâneo, um primeiro fato chama a atenção: a transformação introduzida nele pelo fim da hegemonia – quase que monopólio – católica”. O declínio no catolicismo brasileiro que Sanchis constata já vinha sendo sinalizado desde o ano de 1980. O mesmo autor lembra que “parecia haver uma relativa homogeneidade religiosa dentro do território nacional”<sup>17</sup>. Mas, apesar disso, dentro da própria Igreja Católica sempre existiu uma diversificação. No que se refere mesmo à pluralidade religiosa no Brasil é, sobretudo, dentro do próprio catolicismo. Conforme apontou Roberto da Matta, eu “posso ser católico e umbandista, devoto de Ogum e de São Jorge”<sup>18</sup>. Desde tempos remotos o catolicismo teve a marca das religiões de matriz africana. Por essa e por outras razões é possível concordar com Sanchis que “essa espantosa diversidade religiosa, articuladamente institucional e subjetiva, bem poderia não ser tão nova assim no Brasil”<sup>19</sup>. Sendo nova ou velha, a diversidade religiosa no Brasil está presente aos olhos de todos e todas. Considerando que para a pergunta “Qual a sua religião?” o IBGE registrou mais de 35 mil respostas diferentes, evidentemente não há espaço neste trabalho para apresentar todas as tradições religiosas que estão presentes no território brasileiro. No entanto, a seguir, serão apresentadas algumas. Vamos tomar como ponto de partida os dados do Censo de 2010. Essa apresentação possibilitará ver em termos concretos que o Brasil é um país plural, não somente cultural, mas também religiosamente.

<sup>17</sup> SANCHIS, Pierrri. O campo religioso contemporâneo no Brasil. In: ORO, Ari Pedro, STEIL, Carlos Alberto. *Globalização e Religião*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997, p. 103.

<sup>18</sup> DA MATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986, p. 117.

<sup>19</sup> SANCHIS, 1997, p. 104.

## O catolicismo

A religião que está no topo do pódio é a católica. Há algumas décadas, era comum ouvir expressões tais como “o brasileiro tem alma católica”. No entanto, conforme já apontado pelos sociólogos da religião, a cada década o catolicismo vem diminuindo sua centralidade e, nas palavras de Faustino Teixeira, “passando a se firmar como religião da maioria dos brasileiros, mas não mais como a religião dos brasileiros”. O professor titular da Universidade Federal de Juiz de Fora lembra ainda que “pela primeira vez, no Censo de 2010, a queda percentual dos declarantes católicos refletiu-se em números absolutos, com o ritmo de crescimento menor dos católicos com respeito ao crescimento da população brasileira”<sup>20</sup>.

O Censo de 2010 registrou a presença de 123.280.172 milhões de católicos no Brasil, número que equivale a 64,63% da população. Para Sílvia Regina Fernandes, esse percentual da população que se declara católica “resulta de uma persistente tendência que ameaça a hegemonia da Igreja Católica em um cenário de diversificação sociocultural e mudança nos modos de representar, aderir ou abandonar uma determinada religião”<sup>21</sup>. No que se refere ao catolicismo, os dados não deixam dúvidas: está ocorrendo um declínio há pelo menos três décadas. Embora, para muitos pesquisadores, o Brasil continue sendo católico, o fato é que essa situação está completamente modificada nos dias atuais.

O professor titular da Escola Nacional de Ciências Estatísticas, José Eustáquio Diniz, no artigo *O processo de mudança de hegemonia religiosa no Brasil*, publicado em 2012, faz uma observação importante no que se refere a essa perda de hegemonia católica no país. O professor começa lembrando que o Brasil passou por momento de inflexão em sua história sem grandes traumas ou revoluções sangrentas. Acontecimentos como a independência em 1822, o fim da escravidão em 1888, a proclamação

<sup>20</sup> TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.). *Religiões em Movimento. O censo de 2010*. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 23.

<sup>21</sup> FERNANDES, Sílvia Regina Alves. Os números de católicos no Brasil – mobilidades, experimentação e propostas não redutivistas na análise do Censo. In: TEIXEIRA, Faustino, MENEZES, Renata (Orgs.). *Religiões em Movimento. O censo de 2010*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 113-114.

da República no ano seguinte ou mesmo a queda da República Velha em 1930 aconteceram sem um tom majoritariamente violento. O que chama a atenção de Diniz, no entanto, é outro dado. Ele afirma que

O que todos estes acontecimentos históricos têm em comum é que o Brasil mudou, deixando de ser Colônia, superando a Escravidão, derrubando a Monarquia, implementando a República (em suas diferentes fases), promovendo a modernização, a industrialização e a urbanização, mas sem mudar de religião. O país recebeu das mãos lusitanas em 1500 a religião hegemônica, que prevaleceu incontestavelmente majoritária por cerca de 500 anos. A sociedade brasileira foi profundamente marcada pelas práticas, ensinamentos e dogmas da religião Católica Apostólica Romana. Nos últimos 200 anos o Brasil passou por diversas transformações sociais, mas a religião herdada dos colonizadores, mesmo em declínio, se manteve presente no lar da maioria da população brasileira. De fato, não é comum um país mudar de religião. Os Estados Unidos, por exemplo, também passaram por grandes transformações econômicas e sociais, mas continuaram predominantemente protestante e não há grandes perspectivas de mudança. A Rússia fez uma grande revolução e viveu grandes acontecimentos sangrentos, mas continuou católica ortodoxa. O Japão mudou completamente seu modo de vida desde a revolução Meiji, mas manteve basicamente suas tradições religiosas. A Turquia se modernizou, após Atatürk, mas não deixou de ser muçulmana. E assim por diante<sup>22</sup>.

Conforme o autor, o que acontece no Brasil no início do século XXI é algo extremamente novo. O Brasil está deixando de ser majoritariamente católico. Está mudando de religião. Para o demógrafo, caso permaneçam as atuais tendências, o Brasil “deve sofrer uma mudança de hegemonia religiosa nos próximos 20 a 30 anos”. Esse fato se reveste de relevância, justamente porque “entre os 10 maiores países do mundo, isto deve acontecer somente no Brasil, que é considerado o maior país católico do mundo e, provavelmente, deixará de sê-lo em poucas décadas”. Nesse sentido, o Brasil se tornaria exemplo de um fenômeno raro, que “é a mudança sem precedentes na composição religiosa da população”<sup>23</sup>.

<sup>22</sup> EUSTÁQUIO, José Diniz. O processo de mudança de hegemonia religiosa no Brasil. *Revista da UFRJ*, 2012, p. 1.

<sup>23</sup> EUSTÁQUIO, 2012, p. 2.

Ainda não é possível saber se isso vai acontecer. A posição do professor é apenas uma previsão. O que pode ser constatado de fato, por enquanto, é que a religião católica é majoritária em todas as regiões do país. Enquanto a região Nordeste revelou 72% de católicos, no Sul, foi registrado 70%. Já na região Norte 60% da população se apresentou como católica. Nas regiões Centro-Oeste e Sudeste, o IBGE apontou 59% de católicos. Como disse o já citado Pierucci, “é católico que não acaba mais”. Portanto, é mais coerente dizer que o catolicismo, embora vem perdendo força, continua sendo uma religião hegemônica no Brasil.

### **Os evangélicos**

O segundo lugar do pódio das religiões no Brasil é atribuído aos evangélicos. A história dos evangélicos no Brasil tem capítulos “ecumênicos” extremamente negativos. Apenas para efeito de informação, vale lembrar que a igreja Católica, aliada à Coroa Portuguesa, conseguiu manter os evangélicos longe do Brasil, até aproximadamente o ano de 1800. Essa situação começou a mudar após a chegada de grandes contingentes de imigrantes europeus de origem protestante. Sob a pressão da Inglaterra Anglicana, o Brasil relaxou as proibições religiosas. Somente a partir daí os evangélicos começam a realizar seus cultos em solo brasileiro, e a situação que, no começo, foi muito complexa, hoje é bem mais tranquila.

Nas últimas décadas aconteceu um significativo crescimento nesse grupo. Os evangélicos passaram de 6,6% em 1980 para 22,2% da população em 2010. Se os católicos estão representados por 123.280.172 milhões de brasileiros, 42.275.440 milhões de evangélicos foram registrados pelo IBGE no Censo de 2010. É importante destacar que o crescimento dentro dessa perspectiva religiosa não teria acontecido se dependesse dos evangélicos de missão. Tal avanço “deve-se sobretudo, aos pentecostais, que respondem por 13,3% da população brasileira, ou seja, 25.370.484 milhões de adeptos”. É interessante observar que, na última década, cerca de 4.408 brasileiros por dia se tornaram evangélicos. Desse número 2.124 eram pentecostais, e a maior igreja desse segmento no Brasil, as assembleias de Deus, foi responsável por 1.067

de adesões diárias. O crescimento dos pentecostais é de fato “extraordinário”<sup>24</sup>.

Considerando que os pentecostais são os principais responsáveis pelo crescimento evangélico no país, é necessário refletir melhor sobre esse grupo. De início, é importante lembrar que, na contramão da expectativa prevista pelo demógrafo José Eustáquio, “os analistas advertem que o crescimento evangélico, incluindo os pentecostais, não pode ser muito otimizado, já que, na última década, de 2000 a 2010, esse crescimento foi menor do que o ocorrido na década anterior”. Faustino Teixeira cita o teólogo metodista Paulo Ayres, que detalha a queda do crescimento evangélico revelada pelo Censo de 2010. Enquanto entre 1991 e 2000 o crescimento foi de 120%, na última década, de 2000 a 2010, “esse crescimento foi aproximadamente 62%”<sup>25</sup>. Se o número de evangélicos vai continuar caindo, o futuro vai nos revelar.

Por outro lado, a observação de Cecília Mariz e Paulo Gracino é digna de ser mencionada. Se somado o percentual de crescimento dos evangélicos nas últimas três décadas, o crescimento chega próximo a 540%. O alerta que os autores fazem é o fato de esse crescimento ser desigual dentro do mundo evangélico. É interessante notar, por exemplo, que “em termos percentuais os números de quase todas as igrejas evangélicas” apresentaram queda, se comparado ao Censo de 2000”<sup>26</sup>. Mesmo dentro do pentecostalismo, o crescimento não é homogêneo. Mariz e Gracino mencionam o caso da Congregação Cristã do Brasil, a segunda maior denominação pentecostal do país. Essa igreja apresentava em 2000 aproximadamente 2,5 milhões de fiéis, enquanto que, em 2010, o número caiu para 2,3 milhões<sup>27</sup>. O fato é que os evangélicos, representados pelos pentecostais e especificamente pela as Assembleias de Deus, alcançaram um significativo crescimento registrado pelo Censo de 2010, o que garante-lhes com folga a segunda colocação dentro do grupo de religiões brasileiras.

<sup>24</sup> TEIXEIRA, 2013, p. 25.

<sup>25</sup> TEIXEIRA, 2013, p. 25.

<sup>26</sup> MARIZ, Cecília; GRACINO, Paulo. As igrejas pentecostais no Censo de 2010. In: TEIXEIRA, Faustino, MENEZES, Renata (Orgs.). *Religiões em Movimento. O censo de 2010*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 161.

<sup>27</sup> MARIZ; GRACINO, 2013, p. 167.

## Os sem religião

Esse grupo denominado “sem religião” merece ser mencionado aqui por uma simples razão: pela quantidade expressiva. Os 15,3 milhões de brasileiros que estão incluídos nesse segmento acreditam em alguma representação do Transcendente. Uma quantidade considerável tem a espiritualidade como um ideal de vida. Não por acaso, hoje se fala tanto em “espiritualidade sem religião”. O tema ganhou tanta relevância que uma das principais revistas de teologia do Brasil dedicou um número especial para tratar especificamente do tema. A revista *Horizonte Teológico*, no seu volume 12, número 35, de setembro de 2014, reuniu especialistas como Mariá Corbi, Alex Vilas Boas, entre outros, para refletir de forma detalhada sobre o tema “espiritualidades não religiosas”. São pessoas que têm espiritualidade, mas não se identificam com nenhuma religião.

Nesse grupo o dado que chama a atenção é que a idade média dos brasileiros que se declaram sem religião é de 26 anos. Esse grupo está em diversos contextos sociais. O Censo de 2010 mostra que eles vivem sobretudo nas cidades, mas também estão bem representados no campo. Estão presentes no “desenvolvido” Sudeste do Brasil, como Rio de Janeiro, no entanto, a presença deles também foi registrada na região Norte, como no Pará e no Mato Grosso. Alguns são jovens que tiveram participação ativa em igrejas pentecostais ou na igreja católica. Para o contexto desse trabalho, que reflete sobre a diversidade religiosa no Brasil, vale destacar as palavras emblemáticas de uma jovem, citado por Regina Novaes. Diz a jovem: “Na igreja a gente participa, mas não interage. Já na internet posso expressar minha fé de maneira mais livre, tenho contato com pessoas de crenças diferentes. A gente debate e aprende”<sup>28</sup> (NOVAES, 2013, p. 189). O grupo que se encontra no terceiro lugar do pódio do ranking religioso brasileiro, de acordo com o testemunho acima, em alguns casos, vivencia a prática do diálogo inter-religioso, mesmo sem pertencer especificamente a uma religião institucional. Eles acreditam na espiritualidade. São pluralistas e, por isso, são brasileiros.

<sup>28</sup> TEIXEIRA, 2013, p. 28.



## Os espíritas

Seguindo na apresentação do campo religioso no Brasil, o Censo de 2010 foi positivo para a declaração espírita. Conforme o relato de Teixeira, “houve na última década um acréscimo vigoroso de adeptos do espiritismo kardecista, que passaram de 1,3% em 2000 para 2,02% em 2010. São hoje cerca de 3,8 milhões de seguidores do espiritismo no Brasil”<sup>29</sup>. Como bem enfatizou Bernardo Lewgoy, essa religião “passou, nas últimas décadas, por um processo de transformação, de minoria religiosa perseguida para alternativa religiosa legítima, que oferece explicação de sucessos, conforto para aflições e cura espiritual de infortúnios, a partir de uma doutrina que se pretende simultaneamente científica e religiosa”.

Os espíritas apresentaram um crescimento de 65% comparado aos dados do Censo de 2000. Para Lewgoy, tal crescimento “significa a ascensão do prestígio, bem como o resultado de exitosas ações institucionais de proselitismo da parte das lideranças espíritas”. Em tais lideranças, acrescenta Lewgoy, “o papel das produções cinematográficas em torno da vida e da obra do médium Chico Xavier tem um considerável papel”. Mas não somente isso. O autor destaca ainda a importante campanha da Federação Espírita Brasileira para que os adeptos dessa religião se autodeclarassem “kardecistas” e não sem religião ou católicos. Portanto, “conjuga-se um ativo proselitismo com uma afirmação de identidades espíritas latentes que vão desbancando a sub-representação, de modo que o contingente de espíritas autodeclarados vai ganhando um perfil mais completo e definido”<sup>30</sup>. Esse grupo, que hoje é reconhecidamente uma expressão religiosa no Brasil, tem um grande percentual de intelectuais, pessoas que concluíram o Ensino Superior. Os espíritas, hoje, não precisam mais ficar escondidos da polícia. No Brasil plural eles podem expressar com orgulho sua identidade religiosa.

<sup>29</sup> LEWGOY, BERNARDO. A magia dos números e a contagem do rebanho. O espiritismo no censo de 2010. In: Faustino Teixeira; MENEZES, Renata (Orgs.). *Religiões em movimento. O censo de 2010*. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 199.

<sup>30</sup> LEWGOY, 2013, p. 198.

## As religiões afro-brasileiras

O professor Reginaldo Prandi lembra que, “nos anos de 1959 e 1960, sociólogos e outros pesquisadores que então estudavam as religiões no Brasil, elaboraram um quadro bastante promissor do pluralismo religioso no país”. Naquele período “o protestantismo das igrejas pentecostais crescia e o espiritismo kardecista já era bem presente. A umbanda, nascida do kardecismo e do candomblé, avançava”. Havia uma grande expectativa de crescimento para as religiões afro-brasileiras. Era grande o otimismo dos sociólogos quanto a esse grupo religioso, mas as expectativas foram frustradas, tendo em vista que o crescimento esperado não veio, pelo menos até o Censo de 2010<sup>31</sup>.

Em 1980, ano em que o Censo elaborou a categoria “religiões afro-brasileiras”, os dados registravam 0,6% de afro-brasileiros, no ano de 1991, esse percentual caiu para 0,4%. No ano 2000 as religiões afro representavam tímidos 0,3%. Esse número permaneceu em 2010. Isso equivale a 407.331 mil brasileiros. Reginaldo Prandi adverte que “há muito os sociólogos da religião que usam dados dos censos sabem que boa parte dos afro-brasileiros está escondida nas rubricas “católico e espírita”. Essa é uma questão de “identidade mal definida”. O mesmo autor afirma que pesquisas feitas a partir de uma metodologia mais acurada apontam para números mais elevados. Seria pelo menos o dobro do que o Censo do IBGE apresentou<sup>32</sup>.

Dentro do conjunto de religiões afro brasileiras, a umbanda tem sido majoritária. Nasceu no Sudeste no início do século XX e espalhou-se pelo Brasil. Enquanto, no início, o Candomblé estava restrito às áreas das populações afrodescendentes, a umbanda “nasceu num processo de branqueamento e ruptura com símbolos, línguas e outras características africanas”. A ideia era apresentar-se “como religião para todos, capaz de se mostrar como símbolo da identidade de um país mestiço, identidade que então forjava no Brasil das primeiríssimas décadas do século XX”.

<sup>31</sup> PRANDI, Reginaldo. As religiões afro-brasileiras em ascensão e declínio. In: TEIXEIRA, Faustino, MENEZES, Renata (Orgs.). *Religiões em Movimento. O censo de 2010*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 204.

<sup>32</sup> PRANDI, 2013, p. 205.

Como uma religião tipicamente brasileira, “a umbanda reúne o catolicismo do colonizador branco, tradições religiosas dos negros e símbolos, ritos e espíritos de inspiração indígena, contemplando as três fontes da cultura brasileira”<sup>33</sup>. No entanto, apesar dessa aproximação com a cultura brasileira, a umbanda não alcançou sucesso. Se em 1991 essa religião aparecia no Censo com 542 mil devotos declarados, em 2010, o número caiu para 407 mil.

O candomblé, por sua vez, “extravasou progressivamente suas fronteiras geográficas, abandonou os limites originais de raça e etnia dos fiéis e ampliou seu território”. Prandi nos informa que essa religião espalhou-se pelo Brasil, conquistando para o seu quadro até mesmo antigos seguidores da umbanda. Com razão afirma Prandi que o candomblé “cada vez mais foi se fazendo visível através da imagem capturada pelas artes e costumes de uma sociedade consumista, multicultural e hedonista”, e assim foi “marcando presença em esferas culturais não religiosas: literatura, cinema, teatro, música, carnaval, televisão, culinária etc”<sup>34</sup>. Essa foi uma das razões que fez com que essa religião passasse dos 107 mil em 1991 para 180 mil fiéis em 2010. Um crescimento de 70%. Hoje, no Brasil pluralizado, o candomblé não é apenas mais uma religião disponível no mercado, mas tornou-se símbolo de uma cultura popular, como é o caso do Estado da Bahia, onde essa religião é considerada como um dos elementos da “baianidade”<sup>35</sup>. Interessante pontuar as palavras do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, ao escrever um comentário sobre a obra *O Candomblé da Bahia*, cujo autor, Roger Bastide, foi seu professor na Universidade de São Paulo. Diz o então presidente da República:

A perspectiva de Bastide é clara: ele estuda o candomblé como uma verdadeira religião, africana mas não por isso apenas de negros. Apela à presença de brasileiros brancos e de estrangeiros para salientar que lhe interessava a religião como um “sistema de valores”, como uma “instituição”, sem importar a cor da pele dos que a frequentam

<sup>33</sup> PRANDI, 2013, p. 208.

<sup>34</sup> PRANDI, 2013, p. 208.

<sup>35</sup> DUCCINI, Luciana; RABELO, Mirian. As religiões afro-brasileiras no Censo de 2010. In: TEIXEIRA, Faustino, MENEZES, Renata (Orgs.). *Religiões em Movimento. O censo de 2010*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 221.

ou dela são parte. Ele vê o candomblé como parte de uma realidade brasileira, mas quer obter o âmago de sua explicação no próprio candomblé como religião e como forma de conhecimento do mundo<sup>36</sup>.

O sociólogo francês Roger Bastide, que trabalhou durante muitos anos no Brasil, foi reconhecidamente um dos principais especialistas em religiões de matriz africana. Profundo conhecedor da literatura brasileira, Bastide produziu algumas obras sobre as religiões afro, como a supracitada *O Candomblé do Bahia* e ainda *As Religiões africanas no Brasil*, para citar apenas duas, além de centenas de artigos. No início da primeira obra, o autor faz questão de dizer que, ao longo de todo o litoral atlântico, desde as florestas da Amazônia até a fronteira do Uruguai, “é possível descobrir, no Brasil, sobrevivências religiosas africanas. Mas a Bahia, com seus candomblés em que, nas noites mornas dos trópicos, as filhas de santo dançam ao martelar surdo dos tambores, permanece a cidade santa por excelência”. E destaca que “os candomblés pertencem a nações diversas e perpetuam, portanto, tradições diferentes”<sup>37</sup>. Num país reconhecidamente pluralizado, essa religião só poderia ser marcada por tradições plurais.

### **Religiões indígenas**

O Brasil tem um grande número de habitantes que se autodeclararam indígenas no último Censo. Nas duas últimas décadas, de forma específica, a parcela da população indígena alcançou um significativo crescimento. Pissolato, citando Marta Azevedo, informa que

A proporção da população autodeclarada indígena no Brasil, desde que se incluiu essa categoria como resposta possível à questão da raça/cor da pele, tem aumentado bastante, mas podemos verificar que a “grande virada” foi de 1991 para 2000, quando de 0.2% da população

---

<sup>36</sup> CARDOSO, Fernando Henrique. Comentário. (in) BASTIDE, Roger. *O Candomblé da Bahia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 18-19.

<sup>37</sup> BASTIDE, Roger. *O Candomblé da Bahia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 29.

passou a 0,43%. Já de 2000 para 2010, tivemos um pequeno aumento na proporção, resultado de uma mudança na autodeclaração principalmente nas regiões Sul e Sudeste. No último Censo, menos pessoas se autodeclararam indígenas naquelas duas regiões em relação ao anterior, realizado em 2000. É provável que tenha havido uma migração da declaração para a categoria “pardo”, principalmente<sup>38</sup>.

Desde o ano de 1991, quando o Censo brasileiro introduziu a categoria “indígenas” no quesito “cor ou raça” no questionário, foi revelado então certo crescimento entre os indígenas. Ainda outra novidade constatada nesse grupo é sua significativa presença em áreas urbanas. O Censo de 2010, por exemplo, revelou uma diminuição no percentual indígena que vive em áreas rurais. É evidentemente que para além dos dados apresentados pelo Censo é fundamental entender que no caso específico dos indígenas, há de se clarear melhor a distinção entre rural/urbano.

No que se refere especificamente à inclusão das tradições indígenas no quesito religião, esse fato aconteceu no ano 2000 e o mesmo vem comprovar o que foi discutido anteriormente sobre a valorização de outras culturas em terras brasileiras, já que esse país é reconhecidamente plural não apenas em termos culturais, mas também em termos religiosos. Conforme o próprio Pissolato, “a pluralidade religiosa crescente que vem sendo apontada nos últimos censos brasileiros (IBGE, 2012), com mais concentração nas cidades e seus entornos compreenderia, entre outras presenças, as configurações classificadas”, então, “no interior das tradições indígenas, tais como o Santo Daime, a União do Vegetal, A Barquinha, Religião Neoxamânica, além de outras de tradição indígena”<sup>39</sup>.

Apresentado alguns dados fundamentais sobre esse importante grupo que, dentre outras coisas, tem marca registrada na identidade cultural e religiosa brasileira, passa-se a verificar que, entre os povos indígenas, conforme registrado no Censo, há uma diversidade religiosa. Dentro dessa população existem católicos, evangélicos (sobretudo pentecostais),

<sup>38</sup> PISSOLATO, Elisabeth. “Tradições indígenas” nos censos brasileiros – Questões em torno do reconhecimento indígena e da relação entre indígenas e religião. In: TEIXEIRA, Faustino, MENEZES, Renata (Orgs.). *Religiões em Movimento. O censo de 2010*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 236.

<sup>39</sup> PISSOLATO, 2013, p. 239.

de tradição indígena e inclusive um grupo que se autodenomina “sem religião”. A revelação desses dados, bem como as demais informações apresentadas sobre a população indígena, mostra “evidências da vigorosa e desafiadora sociodiversidade brasileira, que exige mudança de perspectivas e implementação de políticas capazes de garantir a sua sobrevivência”<sup>40</sup>.

### As religiões orientais

O Censo de 2010 registrou a presença das religiões orientais. Uma população, por um lado católica, por outro evangélica, sem religião, de tradições afro, indígenas, mas também com traços orientais. Pode parecer ambíguo no primeiro momento, mas o Censo constatou que 0,22% da população brasileira se autodeclara praticante de uma religião oriental. Traduzindo em números, são 415.267 de pessoas. Sobre as religiões orientais, o professor Frank Usarski faz a seguinte observação:

A imigração asiática, o interesse pela espiritualidade alternativa no âmbito da contracultura nos anos de 1960 e de 1970 e, finalmente, as atividades de roshis, lamas, gurus, mestres, bem como líderes e missionários de correntes oriundas do sul, sudeste ou oeste da Ásia, têm contribuído, no decorrer do século XX e da primeira década do XXI, para a diversificação do campo religioso brasileiro. Em nenhum momento, porém, o número de brasileiros que, por ocasião de um censo nacional, no respectivo período se autodeclaram adeptos ou praticantes de uma das respectivas religiões chegou a um patamar quantitativamente significativo [...] A partir do Censo de 1991 encontra-se a discriminação entre budismo, a Igreja Messiânica e “outras religiões orientais”. As tabelas referentes ao Censo de 2010 diferenciam entre “hinduísmo”, “budismo”, “outras religiões orientais” e “novas religiões orientais”<sup>41</sup>.

<sup>40</sup> PISSOLATO, 2013, p. 237.

<sup>41</sup> USARSKI, Frank. As “religiões orientais” Segundo o Censo Nacional de 2010. In: TEIXEIRA, Faustino, MENEZES, Renata (Orgs.). *Religiões em Movimento. O censo de 2010*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 253.

Embora seja um número relativamente pequeno quando comparado aos três primeiros grupos que estão no topo do pódio (católicos, evangélicos e sem religião), as religiões orientais marcam território no Brasil. Dentro desse universo o maior segmento é o do budismo, representado por 243.966 pessoas, ou seja, por 0,13% da população brasileira”. Em segundo lugar a “parcela estatisticamente mais relevante é a das novas religiões orientais, que no momento da pesquisa contava com 155.951 seguidores/praticantes”. Usarski lembra ainda que, quando comparado com os dois primeiros grupos compostos por seis dígitos, as outras religiões desse universo seguem com grande distância. Por exemplo, “apenas 9.675 brasileiros são associados a uma outra religião oriental (0,01%). Com 5.675 adeptos ou praticantes, o hinduísmo é menos acentuado ainda”<sup>42</sup>. O número inexpressivo nesse segmento demonstra que a adesão a uma religião oriental ainda não é uma prática comum entre os brasileiros. Isso não significa que essas religiões desaparecerão do cenário brasileiro. Se não existe por parte dos estudiosos expectativas de crescimento nesse universo religioso, também não há previsões de extinção. Certamente elas continuarão (ainda que em pequeno inexpressivo) a pluralidade religiosa brasileira.

### **O islamismo**

O Censo de 2010 indica a presença de 35.167 muçulmanos no Brasil. Comparado ao Censo de 2000, a religião islâmica cresceu 29%. O início desse segmento religioso no país tem início a partir da colonização no século XVI, mais especificamente no século XVIII, quando vieram, através da importação, escravos muçulmanos da África. No Brasil, o islamismo é uma religião que vem apresentando índices positivos desde o ano de 1991. Interessante destacar ainda o crescimento demográfico dessa religião em terras brasileiras. O professor de Antropologia da Universidade Federal Fluminense Paulo Gabriel Pinto apresenta esse crescimento com as seguintes informações:

---

<sup>42</sup> USARSKI, 2013, p. 256.

O crescimento demográfico dos muçulmanos no Brasil também pode ser acompanhado através do aumento do número de instituições muçulmanas em várias regiões do país. Em 1983, existiam 24 centros islâmicos e sociedades beneficentes muçulmanas, além de 9 mesquitas, concentradas nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste. Em 2002, existiam 58 instituições islâmicas no Brasil distribuídas pelo Sul, Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste do país. Em 2012, segundo um levantamento feito por mim, existiam 94 instituições islâmicas que, embora seguissem o padrão de concentração nas regiões Sul e Sudeste, estavam presentes em 19 estados do país. Essas instituições compreendiam 34 mesquitas; 3 mussalas (sala de oração) independentes; 3 centros sufis; 38 centros islâmicos e sociedades beneficentes muçulmanas; 6 escolas islâmicas; 3 cemitérios islâmicos; 3 centros de certificação de alimentos halal; e 7 órgãos representativos ou centros de divulgação do islã (federações, uniões, assembleias etc)<sup>43</sup>.

É importante observar como a história da fundação das instituições islâmicas permite compreender a “dinâmica identitária e religiosa dos muçulmanos no Brasil”. No ano de 1929 foi fundada na cidade de São Paulo a Sociedade Beneficente Muçulmana. Como lembra Paulo Gabriel Pinto, “embora essa sociedade fosse marcadamente sunita, ela foi a principal referência institucional para muçulmanos sunitas e xiitas por um longo tempo”. A Sociedade muçulmana, entre os anos 1942 e 1960 construiu a primeira mesquita do país, chamada Mesquita Brasil. No ano de 1951 e 1957 sociedades beneficentes sunitas foram criadas no Rio de Janeiro e no Paraná, respectivamente<sup>44</sup>.

O islamismo é hoje a segunda maior religião do mundo, com aproximadamente 1,6 bilhões de adeptos. Essa religião tem alcançado um significativo crescimento em todo o mundo. No Brasil, o crescimento “é confirmado pelos discursos veiculados por líderes religiosos islâmicos e pela mídia brasileira internacional, assim como por estudos acadêmicos sobre o islã no Brasil”<sup>45</sup>. Um dado interessantíssimo apresentado pelo

<sup>43</sup> PINTO, Paulo Gabriel. Islã em números – Os muçulmanos no Censo Demográfico de 2010. In: TEIXEIRA, Faustino, MENEZES, Renata (Orgs.). *Religiões em Movimento. O censo de 2010*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 267-268.

<sup>44</sup> PINTO, 2013, p. 273.

<sup>45</sup> PINTO, 2013, p. 273.



Censo de 2010 é o caráter urbano do islã no Brasil, tendo em vista que, de acordo com o Censo, 99,2% dos muçulmanos vivem em áreas urbanas. Isso é reflexo da tendência dos imigrantes oriundos do Oriente Médio, que procuram concentrar-se especificamente em áreas urbanas. Como consequência, as atuações das instituições islâmicas também ficam concentradas nos grandes centros urbanos. Apesar de não estar nos primeiros lugares do pódio das religiões brasileiras, o fato constatado é que as comunidades muçulmanas estão em forte expansão no Brasil. Com suas tradições, costumes, ritos e espiritualidade, enriquecem a cultura religiosa nesse país.

### O judaísmo

Enquanto a comunidade judaica brasileira contava 90 mil adeptos em 2010, naquele mesmo ano o Censo registrou 107 mil judeus no Brasil. Esse é outro segmento que vem apresentando crescimento (ainda que tímido) nos últimos censos. Grin e Gherman apresentam dois cenários onde é possível encontrar com certa facilidade os judeus. Primeiro, “Os Jardins e Higienópolis”. Ambos são “bairros paulistanos cujas ruas comportam de modo cada vez mais visível judeus ortodoxos, vestidos de preto, chapéu preto, com suas esposas vestidas de modo austero e carregando filhos em cada uma das mãos”. O segundo cenário é Bairro do Leblon, no Rio de Janeiro. Um dos metros quadrados mais caros do Brasil, esse bairro “abriga uma sinagoga ortodoxa (Beit Lubavitch) e já é possível observar, em uma mesma calçada deste bairro, judeus ortodoxos de longas barbas cruzando com adolescentes em trajes de praia”<sup>46</sup>. Aspecto digno de nota no que diz respeito ao judaísmo no Brasil é seu caráter plural. Conforme os autores,

Curioso notar que, a despeito do pluralismo religioso e cultural que se observa no interior do judaísmo que se pratica no Brasil, há tentativas de se veicular à comunidade judaica uma representação

<sup>46</sup> GRIN, Monica, GHERMAN, Michel. Judaísmo e o Censo de 2010. In: TEIXEIRA, Faustino, MENEZES, Renata (Orgs.). *Religiões em Movimento. O censo de 2010*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 283.

política cuja retórica abriga uma versão homogênea e oficial do judaísmo frente a outras confissões religiosas presentes no Brasil. Essa pretensão homogênea da religiosidade oficial inicia-se a partir do final dos anos de 1940 e nos anos de 1950, quando a comunidade judaica no Brasil constrói uma institucionalidade representativa de tipo centralizada: as chamadas federações estaduais e a Confederação Israelita do Brasil (criadas as do Rio de Janeiro e São Paulo no final dos anos de 1940). Mas será a partir da década de 1960, portanto, que iremos observar a emergência de movimentos capitaneados pela Igreja Católica e por grupos liberais dentro do judaísmo brasileiro. Tratava-se da promoção de um diálogo mais estreito entre católicos e judeus. O surgimento da Fraternidade Judaico-Católica possibilitou um discurso comum de combate à intolerância religiosa e ao antissemitismo. Importante notar que esse diálogo se inicia no campo quase que exclusivamente religioso, a fim de propor uma diminuição das diferenças entre a fé católica e a fé judaica [...] Nos anos de 1990 surge o diálogo teológico e político, entre judeus e cristãos (católicos e protestantes), alargando o arco de alianças na luta contra formas de discriminação e “intolerância religiosa” [...] A dimensão do diálogo passa a coexistir com proposições políticas através das quais o movimento negro e a comunidade judaica se unem pelo combate à discriminação, ao racismo e ao antissemitismo, em uma militância comum e com manifestações públicas anuais no Rio de Janeiro de combate à intolerância religiosa, unindo religiões de todas as matizes, inclusive as afrodescendentes, capitaneadas pelo Babalorixá Ivanir dos Santos, do Centro de Apoio às Populações Marginalizadas<sup>47</sup>.

A longa citação reforça, dentro do contexto desta pesquisa, a presença do pluralismo cultural e religioso no Brasil, configurado entre as diferentes religiões, bem como na particularidade de cada uma delas. Assim como a identidade católica é plural, aberta e dialógica, da mesma forma é possível perceber tais traços característicos nas outras religiões, inclusive no judaísmo. Os autores supracitados concluem afirmando que “a paisagem plural da identidade judaica que, como vimos, não se restringe ao judaísmo tradicional, evidencia um relativo aumento dos que se declaram judeus, conforme o Censo religioso de 2010, sobretudo se

<sup>47</sup> GRIN; GHERMAN, 2013, p. 291-292.

comparado aos censos desde 1949”<sup>48</sup>. É uma beleza especial e uma conquista fundamental para a democracia brasileira a constatação de que as religiões, justamente por serem constituídas de diversos elementos, podem (e devem) juntas promover a paz e o bem comum.

### **Qual o caminho para o brasileiro encontrar Deus?**

Na sua clássica obra *O que faz o Brasil Brasil?*, Roberto Da Matta dedica um capítulo para refletir sobre “os caminhos para Deus”. Na obra o antropólogo afirma que um dos elementos fundamentais da identidade nacional é a importância que os brasileiros atribuem ao “outro mundo”, estabelecendo uma comunicação direta e pessoal com o Transcendente, com o objetivo de construir vínculos que garantam proteção e força para enfrentarem as angústias e lutas da vida. O autor afirma categoricamente que “somos um povo que acredita profundamente num outro mundo”. É nesse “outro mundo, um dia também iremos habitar”<sup>49</sup>. Para Roberto da Matta, a religião tem lugar especial na vida dos brasileiros pelo simples fato de ela apresentar respostas fundamentais para a vida. Tais respostas não podem ser encontradas nem pela ciência nem pela tecnologia. Nas suas próprias palavras,

A religião pode explicar por que uma pessoa ligada a nós ficou doente, sofreu um acidente fatal ou é vítima indefesa e gratuita de desesperadora aflição. A religião, nesse sentido, apresentaria a possibilidade de resgatar a indiferença do mundo, relativamente à nossa consciência e à sua necessidade de dar um sentido preciso a tudo, ordenando a vida e as relações entre as coisas da vida. Falamos também de religião quando estamos pensando no mundo pelo qual a sociedade precisa legitimar ou justificar a sua organização, a sua maneira de ser e os seus estilos de fazer. Assim, a religião pode explicar também por que existem ricos e pobres, fortes e fracos, doentes e sãos, dando sentido pleno às diferenciações de poder que percebemos como parte do nosso mundo social. Assim como há uma diferenciação no Céu,

<sup>48</sup> GRIN; GHERMAN, 2013, p. 292.

<sup>49</sup> DA MATTA, 1986, p. 109.

haveria também uma diferenciação na terra, muito embora, aos olhos do Criador, todos sejam singulares e amados igualmente. Nesse sentido, ou melhor, em todos esses sentidos, a religião serve para explicar – e certamente o faz de modo mais satisfatório que a filosofia ou a ciência, pois há sofrimento, doença, calamidade, injustiça e aflição neste mundo. E mais: ela pode até mesmo dizer por que certa pessoa está sofrendo o que sofre, o que não deixa de ser enorme consolo para quem vive e acompanha a aflição. Num certo sentido, portanto, a religião oferece respostas a perguntas que, rigorosamente, não podem ser respondidas pela ciência ou pela tecnologia<sup>50</sup>.

O autor pontua com razão o sentido que a religião tem para o brasileiro, destacando, entre outras coisas, que a religião pode oferecer respostas mais concretas para o ser humano do que a tecnologia ou a ciência. Para além de tudo isso, “a religião marca e ajuda a fixar momentos importantes na vida de todos nós”. Os momentos cruciais de passagem na escala da existência social, tais como batismo, crismas, comunhão e casamentos, são “marcados pela presença da religião”<sup>51</sup>. Como já foi possível observar neste capítulo, a religião está presente em mais de 98% da população brasileira. Mesmo aqueles que se declaram sem religião, talvez o façam porque ainda estão procurando uma religião com a qual tenham afinidade. O Brasil é definitivamente religioso. Essa afirmação não é uma simples constatação. Trata-se de uma marca da identidade brasileira. O povo que aqui reside tem “sede” e “fome” para encontrar Deus. A pergunta fundamental nesse aspecto é colocada por Da Matta: “Mas como se chega a Deus no Brasil”? Inicialmente o próprio autor faz questão de mencionar que a variedade de experiências religiosas no Brasil é ampla e também limitada. Ele explica as duas situações:

É ampla porque ao Catolicismo Romano e às várias denominações Protestantes, somam-se outras variedades de religiões Ocidentais e Orientais, além das variedades brasileiras de cultos de possessão cuja tradição é uma constelação variada de valores e concepções. De um lado, existe incontestavelmente a África dos escravos, com

<sup>50</sup> DA MATTA, 1986, p. 112.

<sup>51</sup> DA MATTA, 1986, p. 112.

seus terreiros, tambores, idiomas secretos, orixás e ritos de sacrifício, onde as coisas pertencem ao mundo do sensível. Do outro, há o Espiritismo kardecista, em que o culto dos mortos é uma forma dominante e o ritual se faz sem cantos nem tambores. Se nas chamadas religiões Afro-Brasileiras e no Espiritismo, a relação e o culto dos mortos, o contato com os deuses (orixás) é algo rotineiro, se entre a Umbanda e o Kardecismo existem também crenças em encarnação e na teoria do Karma (que vem da Índia), há igualmente diferenças entre todas essas formas, já que na Umbanda o contato é muito mais com os deuses do que com os espíritos desencarnados dos mortos. Por outro lado, o Espiritismo considera-se codificado, ao passo que a Umbanda é uma religião sem codificação e com uma teologia aberta a muitas variações. Mas, apesar de todas essas diferenças, a variedade é limitada, porque essas formas mais diversas coexistem tendo como ponto focal a ideia de relação e a possibilidade de comunicação entre homens e deuses, homens e espíritos, homens e ancestrais. Ou seja: em todas as formas de religiosidades brasileiras, há uma enorme e densa ênfase na relação entre este mundo e o outro, de modo que a domesticação da morte e do tempo é elemento fundamental em todas essas variedades ou jeitos de se chegar a Deus<sup>52</sup>.

A informação precisa de Roberto Da Matta reafirma o que foi constatado em momento anterior: o brasileiro é plural na sua forma de adoração ao Transcendente. Algumas pessoas têm intimidade com certos santos que os protegem, da mesma forma que tem também como guias alguns “orixás ou espíritos do além”. É indubitavelmente uma relação diferenciada, mas cuja lógica é a mesma, na medida em que “em todos os casos, a relação existe e é pessoal, isto é, fundada na simpatia e na lealdade dos representantes deste mundo e do outro”. Na compreensão do antropólogo, podemos chegar a Deus através de todas essas variedades, jeitos e caminhos. Ainda que sejam duas tradições totalmente diferentes, isso muitas vezes não importa. O professor Roberto Da Matta assevera: “o que para um norte-americano calvinista, um inglês puritano ou um francês católico seria sinal de superstição e até mesmo de cinismo ou ignorância, para nós é modo de ampliar as nossas possibilidades de proteção”. Para este autor, não se resume apenas nessa ampliação.

---

<sup>52</sup> DA MATTA, 1986, p. 114.

Ele afirma ainda: “é também, penso, um modo de enfatizar essa enorme e comovente fé que todos nós temos no sentido e na eternidade da vida”<sup>53</sup>. Em última instância, as pessoas religiosas nas suas diferentes maneiras de buscar a Deus desejam encontrar o sentido da vida. Nesse aspecto, o teólogo brasileiro Clodovis Boff afirma com razão que “só as religiões, vias para o divino e o eterno, estão aptas a oferecer um sentido último à vida, e tal é, de fato, sua especialidade”<sup>54</sup>. Nos diversos caminhos para Deus o ser humano encontra o sentido da vida.

É realmente interessante e vivamente significativa o fato de que as diferentes experiências religiosas que podem ser vivenciadas no Brasil não são mutuamente excludentes entre si. O que uma religião “fornece em excesso, a outra nega. E o que uma delas permite, a outra pode proibir. O que uma intelectualiza, a outra traduz num código de sensual devoção”<sup>55</sup>. A situação religiosa brasileira traz consigo essa marca de singularidade, na medida em que as diferentes formas de expressar a busca pelo divino existem em forma de complementaridade. Não há uma oposição entre a religião popular e a religião oficial. Se a religião oficial contém algumas coisas que pode legalizar, a religião popular traz consigo as formas que lidam diretamente com as emoções. Da Matta entende que “o milagre, para nós, brasileiros, é a não exclusão de qualquer dessas formas como necessárias à vida religiosa. Mas a adoção de ambas como modos legítimos de se chegar a Deus”<sup>56</sup>. É o jeito brasileiro de se relacionar com o Transcendente. O antropólogo insiste nessa forma única do brasileiro se relacionar com o divino, como se constata a seguir:

Assim, se no Natal vamos sempre à Missa do Galo, no dia 31 de dezembro vamos todos à praia vestidos de branco, festejar no nosso orixá ou receber os bons fluídos da atmosfera de esperança que se forma. Somos todos mentirosos? Claro que não! Somos, isso sim, profundamente religiosos. Realmente, se o mundo real exige um comportamento coerente e uma conduta marcada pela exclusividade

<sup>53</sup> DA MATTA, 1986, p. 115.

<sup>54</sup> BOFF, Clodovis. *O livro do sentido*. Vol. 1: Crise e busca de sentido hoje. São Paulo: Paulus, 2014, p. 91.

<sup>55</sup> DA MATTA, 1986, p. 115.

<sup>56</sup> DA MATTA, 1986, p. 117.

(não posso ter dois sexos, nem duas mulheres, nem duas cidadanias, nem dois partidos políticos ao mesmo tempo...), no caminho para Deus, e na relação com o outro mundo, posso juntar muita coisa. Nele, posso ser católico e umbandista, devoto de Ogum e de São Jorge. Posso juntar, somar, relacionar coisas que tradicional e oficialmente as autoridades apresentam como diferenciadas ao extremo. Tudo aqui se junta e se torna sincrético, revelando talvez que, no sobrenatural, nada é impossível. A linguagem religiosa de nosso país é, pois, uma linguagem de relação e de ligação. Um idioma que busca o meio termo, o meio caminho, a possibilidade de salvar todo o mundo e em todos os locais encontrar alguma coisa boa e digna. Uma linguagem, de fato, que permite a um povo destituído de tudo, que não consegue comunicar-se com seus representantes legais, falar, ser ouvido e receber os deuses em seu próprio corpo<sup>57</sup>.

A resposta para a pergunta de Roberto Da Matta “Como se chega a Deus no Brasil?” Desde o viés antropológico pode ser respondida da seguinte forma: através de vários caminhos, de várias tradições religiosas, de possibilidades plurais, dinâmicas e complementares. Por isso, é possível afirmar que pelos seus traços pluriculturais, o Brasil é um país moderno, presente, imenso, rico, festivo, místico, secular, barulhento, acolhedor, vibrante, sofrido, feliz, único, mas, acima de tudo, plural. E essa pluralidade é perceptível sobretudo no âmbito das religiões. As muitas religiões brasileiras não são problemas para as pessoas.

### Conclusão

O pentecostalismo brasileiro reconhece o pluralismo cultural e religioso no Brasil como um fato que está estabelecido de forma concreta e real. A teologia pentecostal reconhece que diante do contexto brasileiro, é real a necessidade do diálogo entre as culturas e entre as religiões. Esse diálogo que deverá sempre ser pautado pelo absoluto respeito e pela preservação da identidade religiosa, é um caminho ainda a ser percorrido com mais intensidade pelo movimento pentecostal brasileiro, especialmente

---

<sup>57</sup> DA MATTA, 1986, p. 117.

pela sua versão neopentecostal ou pós-pentecostal. Os pentecostais aos poucos estão estudando, buscando informações e refletindo de forma positiva sobre o tema da diversidade cultural e religiosa no Brasil. É um caminho a ser percorrido, mas que já foi iniciado.

A pluralidade cultural e religiosa no Brasil é uma realidade que não pode ser contestada, negada, tampouco rejeitada ou repudiada. Mas deve ser enaltecida e, sobretudo, comemorada. Nessa diversidade, o pentecostalismo é parte significativa, que através da sua rica prática litúrgica pode contribuir para a beleza da pluralidade cultural e religiosa brasileira, promovendo sempre um discurso de tolerância, diálogo, acolhimento e fraternidade. A riqueza cultural e religiosa que o Brasil possui não pode, sob hipótese nenhuma, ser objeto de violência banalizada ou mesmo atitudes de intolerância e desrespeito por parte de alguns grupos, sejam eles religiosos ou não, que, no afã de suas convicções, são agressivos, ignorantes, intolerantes e violentos, com aqueles que não compartilham de suas crenças. A democracia brasileira garante via Constituição Federal o direito à liberdade de culto e de manifestação religiosa. Assim, conclui-se este texto reafirmando uma das mais lindas verdades que se tentou clarear ao longo de todo o texto: o que faz o Brasil um país singular, único e democrático é sua pluralidade cultural e religiosa.

### Referências

- BOFF, Clodovis. *O livro do sentido*. Vol. 1: Crise e busca de sentido hoje. São Paulo: Paulus, 2014.
- BOSI, Alfredo. *Cultura Brasileira*. São Paulo: Editora Ática, 1992.
- CARDOSO, Fernando Henrique. Comentário. In: BASTIDE, Roger. *O Candomblé da Bahia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- DA MATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- DUCCINI, Luciana, RABELO, Mirian. As religiões afro-brasileiras no Censo de 2010. (in) TEIXEIRA, Faustino, MENEZES, Faustino. *Religiões em Movimento*. O censo de 2010. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- EUSTÁQUIO, José Diniz. O processo de mudança de hegemonia religiosa no Brasil. *Revista da UFRJ*, p. 1-20, 2012. Disponível: <http://>



[www.ie.ufrj.br/aparte/pdfs/a\\_mudanca\\_de\\_hegemonia\\_religiosa\\_no\\_brasil\\_02abr12.pdf](http://www.ie.ufrj.br/aparte/pdfs/a_mudanca_de_hegemonia_religiosa_no_brasil_02abr12.pdf) Acesso em 18/10/2015.

- FERNANDES, Sílvia Regina Alves. Os números de católicos no Brasil – mobilidades, experimentação e propostas não redutivistas na análise do Censo. (in) TEIXEIRA, Faustino, MENEZES, Faustino. *Religiões em Movimento*. O censo de 2010. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- FREIRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala*. Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 51ª Ed. São Paulo: Global, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Brasil, Brasis, Brasília*. Rio de Janeiro: Record Editora, 1968.
- GRIN, Monica, GHERMAN, Michel. Judaísmo e o Censo de 2010. (in) TEIXEIRA, Faustino, MENEZES, Faustino. *Religiões em Movimento*. O censo de 2010. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- MARIZ, Cecília, GRACINO, Paulo. As igrejas pentecostais no Censo de 2010. (in) TEIXEIRA, Faustino, MENEZES, Renata. *Religiões em Movimento*. O censo de 2010. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- MORIN, Edgar. *O Método*. A humanidade da humanidade – a identidade humana. V.5. (Trad. Juremir Machado) Porto Alegre: Sulina, 2005.
- NOVAES, Regina. Jovens sem religião: sinais de outros tempos. (in) TEIXEIRA, Faustino, MENEZES, Renata. *Religiões em Movimento*. O censo de 2010. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. Cadê a nossa diversidade religiosa? (in) TEIXEIRA, Faustino, MENEZES, Renata. *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas* Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- \_\_\_\_\_. O crescimento da liberdade religiosa e o declínio da religião tradicional: a propósito do Censo de 2010. (in) TEIXEIRA, Faustino, MENEZES, Faustino. *Religiões em Movimento*. O censo de 2010. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- PINTO, Paulo Gabriel. Islã em números – Os muçulmanos no Censo Demográfico de 2010. (in) TEIXEIRA, Faustino, MENEZES, Faustino. *Religiões em Movimento*. O censo de 2010. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- PISSOLATO, Elisabeth. “Tradições indígenas” nos censos brasileiros – Questões em torno do reconhecimento indígena e da relação entre indígenas e religião. (in) TEIXEIRA, Faustino, MENEZES, Faustino. *Religiões em Movimento*. O censo de 2010. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

- PRANDI, Reginaldo. As religiões afro-brasileiras em ascensão e declínio. (in) TEIXEIRA, Faustino, MENEZES, Faustino. *Religiões em Movimento*. O censo de 2010. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013
- RIBEIRO, Darcy. *Os brasileiros*. Teoria do Brasil. Petrópolis RJ: Vozes, 1978.
- SANCHIS, Pierri. O campo religioso contemporâneo no Brasil. (in) ORO, Ari Pedro, STEIL, Carlos Alberto. *Globalização e Religião*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- TEIXEIRA, Faustino. O pluralismo religioso como novo paradigma para as religiões. *Concilium*, n 319. Petrópolis: Vozes, 2007.
- TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. *Religiões em Movimento*. O censo de 2010. Petrópolis: Vozes, 2013.
- USARSKI, Frank. As “religiões orientais” Segundo o Censo Nacional de 2010. (in) TEIXEIRA, Faustino, MENEZES, Renata. *Religiões em Movimento*. O censo de 2010. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- VANNUCCHI, Aldo. *Cultura Brasileira*. São Paulo: Loyola, 2002.
- VIGIL, José Maria. *Teologia do pluralismo religioso*. Para uma releitura pluralista do cristianismo. São Paulo: Paulus, 2006.

Submetido em: 24/07/2018

Aceito em: 22/05/2019